

O Livre-Arbítrio e o Ego: Reflexões de Uma Jornada Espiritual



GUILHERME

ABR 17, 2025

Durante muito tempo, busquei respostas. Seguia caminhos, estudava métodos, me apoiava em símbolos e mapas para tentar entender quem eu era e qual sentido havia por trás das minhas escolhas. Até que compreendi: o que me guiava não era o método em si, mas o chamado que vinha de um lugar muito mais silencioso — e muito mais verdadeiro.

Foi quando parei de procurar fora que comecei a escutar dentro. E nesse processo, dois elementos se tornaram companheiros de jornada: o livre-arbítrio e o ego.

A maioria das pessoas acredita que está escolhendo livremente. Mas, na verdade, estamos apenas cumprindo roteiros inconscientes — programações emocionais, padrões herdados, repetições cármicas, experiências que nossa alma planejou antes mesmo de nascer. O verdadeiro livre-arbítrio só se manifesta após o despertar da consciência. Antes disso, o que chamamos de escolhas são, muitas vezes, reações automáticas moldadas pelo medo, pela necessidade de pertencimento ou pela busca de segurança.

Despertar, nesse sentido, é como abrir uma nova janela de percepção. E é somente a partir desse ponto que começamos a decidir com presença, com verdade — não mais por impulso, mas por sabedoria interior.

O ego constrói histórias. Ele se molda com base em experiências, traumas, crenças e memórias. Foi importante. Foi necessário. Mas também foi ele quem mais me distanciou de mim mesmo. Ele quis

controlar, prever, agradar. Quis garantir um lugar no mundo. E, nessa ânsia, me impediu de escutar o que era sutil. Com o tempo, fui aprendendo a observar o ego sem me identificar com ele. E essa simples mudança de olhar abriu espaço para outra voz: aquela que não grita, mas sabe.

A verdadeira libertação não é viver sem ego, tampouco ignorar o livre-arbítrio. É aprender a dançar com esses dois aspectos, sem ser dominado por nenhum deles. É fazer escolhas com consciência. É usar o ego como ferramenta — e não como mestre. É viver a liberdade que nasce do centro, e não das urgências externas. É transformar nossas histórias, nossas dores e nossas máscaras em pontes para algo mais profundo.

Percebi que nem sempre é sobre encontrar uma técnica ou um sistema. Às vezes, é apenas sobre parar, escutar e permitir que a sabedoria do invisível encontre forma dentro de nós. A verdade não é algo a ser ensinado — é algo que se revela quando estamos prontos para sentir.

Hoje, reconheço tudo que me trouxe até aqui. Mas não carrego mais fórmulas. Carrego presença. Carrego escuta. E compartilho apenas o que se manifesta como verdadeiro agora — neste instante.

[Deixe um comentário](#)

por Guilherme

Criador do legado de alma